

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 29 de julho de 1900
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

NOTAS DA QUINZENA

Um calor abafadiço! Sua-se a bom suar e não ha nada mesmo conhecido pelo barcellense para acalmar, que não tenha sido por si chamado a desempenhar officio de côrpo presente.

N'uma furia doidivana, ambos os sexos, como regalo consoladôr, ora procuram refrigerio no banho em casa ou no Cavado, ora tomam agua simples, agua com chá, com agua-ardente, com vinagre.

Varias especies de bebidas, para as variadas especies de bebedores...

E' maior o numero dos que preferem a tudo, considerando-o superior á gasosa, á cerveja—o rascante vinho verde!



...fazem lembrar os serradores de Leiria

Dizem que é de um effeito refrigerante immediato.

Ha quem encontre nos escriptos—e está no eu plenissimo direito e ao abrigo do Colligo Civil—verdadeiros calmantes e os discuta.

Quem lê a prosa do Paneracio (e temos na familia experimentador), sente-se bem disposto, como se tivesse bebido um vinho delgado,

gasoso e fresco; depois da leitura dos escriptos do Figueiredo—relata-nos um leitor assiduo da «Lagrima»—fica-se impanturrado, como succede aos que abusam da cerveja ordinaria de 30 réis o copo; segredam-nos que o Antonio de Azevedo, lendo os *sultos* do Albino, tem a impressão da *sangria* d'agua, sobrecarregada com vinagre, chegando a fazer uma cara algo exquisitamente feia; os versos do Antas, são para a alta temperatura, como a limonada nacional com sainete a limão.



...ao passo que o Figueiredo não tinha olhos

D'esta maneira, certos sujeitos assignando a «Folha», o «Commercio» e este quinzenario, estarão habilitados a descer de 30 para 15 graus.

A «Lagrima» é agua-pé com espirito...

A' meza, em familia, o papá poderá pedir:

—«Menina, em vez de cerveja, quero antes Figueiredo lido.»

E' de gelar.

O administrador tem merecido as attentões, sobremaneira.

A sua medida sobre os marchantes foi magnifica, mas superior lhe fica a da ordem dada para que as *borboletas*—que têm a crysalida na Barreta—não vaguem pelas ruas, depois das 9 horas.

E' o proprio administrador, de olhos arregalados (ao passo que o Figueiredo não tinha olhos), o que vigia o cumprimento das suas ordens.

Ao toque de recolher, as cornetas fazem, cumulativamente, recolher aos respectivos quartéis, soldados e *borboletas*.

A LAGRIMA

Tambem deviam gritar ás armas como os militares!

*

A auctoridade administrativa, em questão, é que não esteve com meias medidas tambem, quanto aos marchantes e transformou os talhos em *eugenhos de serrar*.

E' lei.

Assim os nossos amigos Carvalhos fazem lembrar serradores de Leiria, devidindo a carne com ósso.

De hoje em diante, nos seus annuncios, nas suas facturas, em vez de «cortadores de carnes verdes», aquelles nossos amigos deverão melhormente conhecer-se como «serradores de carnes verdes.»

*

Com a elevação do custo da carne de vacca, o barcellense é que se tem atirado—como prato de resistencia—ás feveras de carneiro.

Se a alimentação fôsse assás poderosa para influir na economia animal, a ponto do homem—«o sér superior da criação, por excellencia»—tomar os instinctos do animal que sacrifica á sua alimentação, muito habitante d'esta pacata villa em lugar de bater no semelhante com uma fouce, como um lavrador, ha dias, daria *marradas*.

A Fonte boa

Por amabilidade de convite do dr. Reis Valle, foi a «Lagrima» representada n'uma festa intima que se realisou na ultima quarta-feira em sua casa, na freguezia de Fontebos.

Um *phaeton* fretado por um dia, a sêcco para os cavallos e cocheiro (e por generosidade, molhado depois para este) dirigiu-se d'aqui uma *troupe* á casa d'aquelle nosso amigo, que, além da nossa sympathica pessoa, era composto do dr. João, capitão Pinto, padre Antonio Fernandes, José Mattos e José Mathias.

O tempo estava brusco e um nevoeiro alguma cousa denso não deixava levantar pó.

Dia magnifico, portanto, para um passeio.

O carrito de molas macias, era geitôso para o nosso transporte. Dizia o padre Fernandes que a gente ia sentado como se fôsse em fôfas roscas de pão de ló (indistinctamente de Margaride ou do Salvação).

O Mathias reparando no tecto da cobertura do vehiculo, pintado de azul celeste, ageitou-se a dizer que não lhe ficavam mal umas estrelas, piada que o Mattos—tirando do bolso a caixa do simonte e pitadeando-se—achou engraçada.

Eram já 9 horas (a partida tinha-se effectuado de Barcellos ás 8) e já iam no Alivio.

Chamamos nós a attenção para quatro piões de pedra que, proximo da estrada, jaziam ali.

—«Ol! aquilo serão marcos milliares!» Des-

ceamos todos e fomos examinar. Puchamos do livro especialista, do padre Capella, sobre tal assumpto, assestamos as nossas lunetas e nada de descobrir uma inscripção, uns caracteres aclaradores.

Estavamos já desanimados do nosso trabalho insano, por môr da sciencia, quando o dr. João, a rir, não da nossa bôa-fé, mas de satisfação, nos disse que aquilo eram—nem mais nem menos—que quatro apoios para palanques da musica que, por occasião dos festejos a N. Senhora, ali costuma tocar no respectivo arraial.

Seguiu a marcha.

O serviço do carro, magnifico. Duas horas apenas de caminho e já, muito longe, se avistava o monte de Faro, pinturesco no seu tom aspero, agreste.

O padre Fernandes tomou nota, n'essa altura da viagem, no logar da Eiradana, d'uma era tão antiga, como orographica:

AREA 1898.

A conversa, aqui, redundou sobre paranomasia. Assim:

«Hera, arbusto, planta medicinal.»

«Era, ponto fixo d'onde se começa o computo dos annos.»

«Area, espaço que comprehende uma figura plana.»

«Aria.....»

—«Aria, diz o Mathias, conheço uma composta pelo João Vallongo, para se cantar por solfa.»

Para cá, muito proximo de Espozende, villa onde chegamos gastando sómente no percurso tres leguas, dirigiam-se-nos, tambem em carro, o dr. Reis do Valle, o dr. Quirino, o Magalhães, de Fão, o Romão, das Necessidades, que desde logo, nos avistando, fizeram cumprimentos a que delicadamente correspondemos, acompanhando-nos sem pararem.

Em Espozende grupos embasbacados se que-davam pelas ruas do transitio, mirando-nos desconfiados.

Ali vimos muitos dandys que andavam completamente nus dentro dos fatos domingueiros.

Lobrigamos no largo da Camara um padre em cima d'uns tamancos guarnecidos de tachó-las de aza de mosca, um dr. em chanelos de liga, uma senhora com vestido de luto calçando botas amarellas de *chayrin*, e um rapaz já *matalôte* a fazer descortezias dejectoriaes sob as arcarias dos Paços do Municipio.

Carregamos para Fão, seguindo a *ponte internacional* que liga Espozende áquella freguezia.

(«Ponte internacional», segundo o expressar do Moñsenhor Morgado).

A vista que se gosa na sua travessia é magnifica.

A LAGRIMA

Junto á ponte construíam-se embarcações elegantes, que, pelo seu peso, nos fizeram admirar como não vão ao fundo, sustentando-se á tona d'água.

O Mattos diz-se incapaz de entrar dentro de taes construcções, ainda mesmo na areia aonde se viam levantadas, com receio de morrer afogado.

Passamos Fão a toda a força cavallar das alimarias.

O aspecto interior das casas é, em geral, fresco, limpo, temos tempo de reparar.

Uma das vigias da linha que seguíamos, esqueceu-se de fechar uma cancella e o nossa carro, por um pouco, colhia uma caterva de cabras leiteiras.

O tempo continua brusco, mas não carrancudo, nem promettedor d'água.

Os guisos da burricada chamam ás janellas das habitações, já de Ponteboa, as caras mais galantes d'este mundo. Bons typos para amas de leite, comentamos nós zombeteiramente.

Eis-nos chegados á igreja onde ha a festividade, annunciada em papélinhos de côr como estes que ahí se espalham por occasião de theatro.

Mastros se alinham parallelamente em frente ao templo, em caminho largo.

D'uns aos outros, cordas symetricas estão retesadas.

Tudo isto está coberto com papel vermelho e amarelo, esbicido pacientemente á thesoura.

Guardasolinhos, pequenos lustres, tudo dá no conjuncto, a esta tão original ornamentação, um sabor chinez. Lindo!

A barriga de todos estava collada ás costas e era preciso comer.

Fizemos um abaixo assignado ao Reis Valle e elle concordou que era justo almoçarmos.

Demos ingresso na residencia abadesca do nosso amigo e de prompto abancamos á meza, n'uma sala de tecto em fórma de masseira, de castanho bom e bem conservado.

Almoço primoroso! O vinho foi considerado uma delicia!

O seu typo não parecia de povoação á beira-mar.

—«Este vinho é de casa?», perguntamos.

—«E' de uvas», respondeu o dr. Quirino.

O peixe, de *barya*, que constituiu uma das muitas excellencias da refeição, desaparecia a olhos vistos. O capitão, comendo com methodo, vagarosamente, mastigando bem o alimento, fez prodigios gastronomicos, de braço dado com o dr. João.

A sobrezeza foi extraordinariamente abundante.

A familia do Reis Valle como lhe constou que tinha de assistir ao almoço um capitão, enten-

deu que elle trazia consigo uma força de praças correspondente á sua patente. Era um nunca acabar!

A melhor partida foi a surpresa que nós fizemos com um frasco de conserva encontrado, que cognominamos de bichas de sangrar.

Pellamos a lingua ao Mathias, ao Mattos, ao Fernandes e mais cavalheiros de varias hierarchias!

Saimos para o arraial.

Por indicações escriptas pelo amigo Pancreo, visitámos perto a habitação do abbade de Ponteboa e apreciamos a pintura do barcellense Besende, na sala de jantar.

Chegam carros de varias procedencias, rompem cantigas.

Está a festa no seu auge.

Vimos a procissão.

Ha um carro allegorico onde um anjo bisonho, dedos da mão direita, m ximo e indicador estendidos e os restantes dobrados, presta, gesticulando e declamando, homenagem ao S. Sebastião, saindo de vez em quando d'uma cuffa semelhante um pequeno caixão funereo, pela conformação e pelo adorno que o reveste.

O jantar é a ultima peça do programma e peça de valia, que nos offereceu o cavalheiro Fernandes Eiras e s. ex.^{ma} esposa. Muito bom.

Muito bem!

Retiramos todos, já meia noite, em magnifica ordem. O barbado Mattos, adiante; o barbigudo Mathias, atraz.

O Rente e Caganito—visto a grande influencia da «Lagrima» no animo, nas tendencias, dos barcellenses—entusiasmaram-se tanto com as partidas (e partidas inteiras!) do Jejum, aqui relatadas, que o quizeram imitar.

O Braga é um commerciante ha pouco ahí estabelecido, mas muito notavel por ser *ferrete*.

O Rente e Caganito como são francos, não o pôdem vêr e vingam-se d'elle assim.

Sem o negociante notar, o Rente metteu dobaixo das abas do casaco uma grêlha e uma meada pequena de rastilho, que, entre muitos, ali se viam suspenses.

Apontou para similares que estavam dependurados, e interrogou o Braga sobre o seu custo:

—«Três vintens cada cousa».

—«Ora! Ali em baixo ha grêlhas eguaes a 30 réis e vende-se egual porção do rastilho tambem ao mesmo preço.»

—«Se as houver a esse preço, compro-as todas.»

—«E' para já».

E sem que o Braga dê por ella, sae o Rente com os dois objectos tirados, sob o casaco, dirige-se a casa do Souza, finge que faz uma compra, e volta para casa do marceiro, com a grêlha e rastilho, na mão.

A LAGRIMA

—«Aqui estão, diz o Rente, e agora passe cá tres vintens.»

O Braga, continuando a ser *solmo*, apesar de affirmar que comprava quantas grêlhas e rastilhos houvesse a 30 réis cada um, disse que não dava mais que um pataco por tudo.

—«Pois sim, salta o Caganito do lado, mas então hade dar um refresco cá á gente.»

Accêita a proposta, o Braga pega na grêlha e rastilho—que seu era—, faz o refresco e dá o pataco do contracto.

Lá isso ainda foram generosos—o Rente e Caganito—pois que, com o dinheiro do Braga, lhe pagaram uma pinga no taseo merceiro do Boêr.

Que rentel

O Macaco Grande—barbeiro em Barcellinhos—é financeiro como o Burnay.

Quiz ir a S. Paio ganhar para dôces e ainda trazer dinheiro.

Para isso levou consigo a sua navalha caudeira de figaro emerito e pelo arruaal—que se realisou no domingo passado—foi offerecendo os seus serviços:

—«O' freguez: quer fazer a barba?»

Uns *adonilhinhos* que se lembraram praticar? Prender o pobre artifice, leva-o a casa d'um moleiro das proximidades e sacrifica-o ali—e demais a mais de... graça—a barbear um jumento, o que—por caridade—não deixaram levar a effeito, apesar de terem já obrigado o Grande Macaco a ensaboar a alimaria.

Que jumento!

S. Sebastião

Hoje—no theatro Popular—ha o beneficio de Dôres Breia e Luiz Augusto, indo á scena a peça sacra o «S. Sebastião.»

O Santo não se apresenta semi-nu, nem com o corpo martyrisado pelas settas, como se vê nos templos de Deus.

A Breia será, na noite da sua festa, mais dôres, não vendo a casa á cunha.

O beneficiado fleará mudo e, como «refugio de peccador», *dirá* ao Santo seu homonymo: «S. Luiz, rei de França, dae falla a esta creança.»

E' assim que o Pegas Joaquim conta de S. Claudio o gôso nos festejos.

—«Comemos até arrebrantar. Cosido de carne de vacca, galo e salpicão. Arroz de hô presunto. O' dispois de tudo deram-nos á *sobremeza peixe frito.*»

Falta saber se o Pegas jantou a sobremeza sob a meza.

Andou por ali uma commissão de individuos a podir para que tocasse no jardim publico a banda Barcellense e esta corporação fal-o hoje, exhibindo o seguinte programma:

1.^a parte—«Maria Cachueha», polka; «De Biscaya a Villa Secca», ordinario; «Camões», mazurka de Mirólho.

2.^a parte—«D. Fuas Roupinho», ordinario marche; «Sôlo de ferrinhos»; (A ultima peça será a que pregáram aos subscriptôres os promotores da diversão... de hoje).

Notas Diversas

Têm-se passado na administração do concessão muitas licenças destinadas aos mendigos que fôram reduzidos á miseria pela lei do Hantzze, que prohibe o jogo nas praias.

* Ouvimos ha dias dizer ao nosso amigo, Miguel Lemos, que Mahomet era filho do Presidente da Republica Franceza, Emilio Loubet. S. Ex.^a foi muito cumprimentado.

* Pedimos desculpa aos nossos leitores, mas por affazeres que não podêmos expôr neste logar, resolvemos suspender a publicação da «Lagrime» durante 15 dias.

* Foi examinado aqui com admiração o eclipse total dos alimentos que foram comidos no Penêdo do Ladrão.

* Perguntando-se ao Caganito o que é que dá origem ás onças, respondeu que os peixes.

* N'um estabelecimento d'esta villa discutia-se ha dias qual a maneira por que os planetas estão seguros no espaço.

—«Naturalmente, exclama um, presos uns aos outros por ca leias de ferro».

—«Não senhor, objecta outro, isso é conforme. Venus por exemplo está em cima d'um boi e Mercurio em cima da cabeça d'um burro.»

* O sr. João Maciel, n'um accesso de regeneradorite-aguda, fallava do livro do actual ministro da fazenda.

—«Ail a Terra! a Terra! a Terra!»

Qual a terra nem meio a terra. E' de terra.

* Em Ponteboa o Manuel Mello vendo sair para a procissão—que alli se realisou quarta-feira—um carro triumphal, lembrou-se logo do auto-mobil.

* N'outro dia um homem do fôro andava todo azafamado á procura d'um penhorista particular, para lhe fazer uma penhora.

Um cumulo!

* Hontem, uma hespanhola, na passagem dos viguenses, olhou muito pasmada para o José Caldas.

Elle encavacou.

* D. Diego Santos assignou a «Lagrime», o que vae tornar conhecido no estrangeiro a nossa publicação.

* Morrer de insolação é dar a alma ao Creador, com uma indigestão de sol.